

A FORMAÇÃO DOCENTE NA CONTEMPORANEIDADE

Luciane de Bastos da Silva*

Dilton Maia**

Resumo: Este artigo trata do processo de formação de professores e da importância de desenvolver no futuro educador a consciência de que o aluno é um ser social, e que o ensino ministrado deve ser condizente com a realidade do mesmo, para isso o professor tem o compromisso de desenvolver um trabalho para além dos conteúdos curriculares, vislumbrando uma educação humana e sensível para com o outro, utilizando dos variados recursos e metodologias que instiguem no aluno a curiosidade de aprender e assim transformar a sua realidade por meio da educação, para isso é preciso que o educador reveja seus métodos de ensino aprendizagem, rompa com alguns paradigmas avaliativos e se prepare com engajamento e amorosidade para propor ao aluno aprendizagens significativas e que auxiliem no cotidiano e na vida em sociedade, sendo que toda essa compreensão a respeito de como ensinar?; a quem ensinar?; o que ensinar? é construído na formação deste educador e é efetivado ao longo do exercício da profissão.

Palavras-chave: Formação de Professores. Contemporaneidade. Sociedade. Amorosidade.

Introdução

A formação de Professores na contemporaneidade, propõem inúmeros desafios às universidades formadoras, aos cursos das licenciaturas e aos professores universitários, pois, constantes são as mudanças tecnológicas, diversas são as demandas que envolvem o processo de formação de professores, inúmeras são as exigências da sociedade atual, que a cada dia se reconstrói e se configura de maneira diferente, e para que a formação seja de qualidade e excelência é preciso engajamento e trabalho entre todas as esferas envolvidas, diante dessa necessidade fica clara a urgência de romper com perspectivas e metodologias tradicionais, e desfazer paradigmas que não colaboram para a formação do educador, sendo que essa formação perpassa a lógica técnica e profissional, abrangendo o desenvolvimento e a formação de educadores humanos, sensíveis e comprometidos com o outro e com a sociedade;

* E-mail: lucianebastos@gmail.com

** E-mail: diltonemaia@gmail.com

para isso é fundamental que os cursos de licenciaturas pensem na formação de um profissional reflexivo, atuante, comprometido com as aprendizagens do aluno, um educador capaz de olhar para além das disciplinas curriculares, desempenhando seu papel social de mediador entre aluno e saberes, não formar meramente um reproduzidor de conteúdos, ciente disso os centros formadores precisam reformular todas as etapas de formação de professores, abrangendo novas metodologia de ensino, currículos pensados e contextualizados na realidade do aluno, desenvolver, fomentar e efetivar as políticas de inclusão, incentivar a utilização das tecnologias de informação e comunicação as quais estão muito presentes no nosso dia-dia, e que precisam ser vistas com bons olhos, repensar a avaliação do ensino aprendizagem que deve considerar o erro como um processo de aprendizagem, que os métodos avaliativos busquem qualificar o ensino, diante destas afirmativas detectamos que deve haver uma mudança no processo de formação de professores e um trabalho de formação continuada para que não se responsabilize apenas a primeira formação, mas que as aprendizagens aconteçam na sequência, visto que ninguém aprende tudo o que vai utilizar para o resto da vida em apenas quatro anos, ainda mais em tempos em que tudo muda muito rápido e “o que era ontem, pode não ser mais, hoje”, mas a formação a qual nos referimos é a base, a estrutura que permeará e apoiará o educador nas suas atividades escolares, e se neste período ficar o mínimo de lacunas possíveis, facilmente este futuro educador conseguirá sanar suas dificuldades e certamente terá êxito em seu trabalho.

1 Desenvolvimento

Vivemos em uma época de muitos conflitos a respeito de o que o educador deve saber e o que este deve ensinar, e diante dessa afirmativa compreendemos que as universidades devem propor ao futuro educador, as disciplinas curriculares padrão atreladas ao contexto social dos alunos, isto é, às instituições formadoras precisam despertar no futuro professor o seu lado humano, sensível, solidário, afetuoso e interessado com o outro, pois, segundo Pardal (2001, p. 84) a profissão docente não pode estar voltada a uma visão mecanicista, onde o profissional da educação “deve ser conhecedor de um avançado receituário didático-pedagógico dos modelos mais modernos de avaliação, das mais eficazes tecnologias de informação”. Este profissional é um ser humano passível ao erro, ao acerto, ao êxito e ao fracasso, dotado de sentimentos e que deve estar preparado para trabalhar de maneira afetuosa, reforçando o que FREIRE(2011) diz: “e que dizer, mas sobretudo que esperar de

mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de quem quer bem, às vezes, à coragem de quem quer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo”.

Vimos que quem quer bem o educando é primordial para que qualquer processo educativo tenha sucesso, uma vez que, é quando estamos comprometidos carinhosamente com a aprendizagem do outro, que este realmente aprende, pois dessa forma o educador procura estratégias para que o aluno compreenda e tenha êxito em seus estudos, com isso tocamos em um ponto essencial do processo ensino aprendizagem, a criatividade, um bom professor tem que ser criativo, dinâmico, inovador, versátil e além disso, o educador tem que ser responsável na sua ação docente ao empregar um ensino efetivo que selecione, domine, organize e promova diversos conhecimentos. Para que isso efetivamente aconteça, as universidades precisam desenvolver o senso crítico dos futuros professores, sobre suas próprias ações, fazendo com que os mesmos reflitam sobre o ser professor, sobre o real papel do professor na contemporaneidade, a proposta é contribuir com mudanças na ação docente por meio da auto avaliação, e pensar sobre as ações começa na formação docente, onde, o futuro educador se posiciona crítica e reflexivamente sobre o que é ser educador, sobre a responsabilidade que a educação carrega, no poder de transformação da sociedade por meio da educação e o papel do educador nesta configuração social atual, e segundo Tardif (2002, p. 234), considera que:

Se assumirmos o postulado de que os professores são atores competentes, sujeitos ativos, deveremos admitir que a prática deles não é somente um espaço de aplicação de saberes provenientes da teoria, mas um espaço de produção de saberes específicos oriundos dessa mesma prática.

E tão importante quanto a parte pedagógica é a parte técnica nos cursos de licenciatura, pois o professor deve sim entender e dominar os saberes que compõem sua disciplina, isto é, o professor deve ser tão sabedor dos conteúdos curriculares a ponto de saber fazer uma relação entre estes conteúdos e a realidade do aluno, dessa forma acontece efetivamente o que denominamos contextualização dos saberes, de modo que as disciplinas são encaradas como algo relacionado com a vida dos educandos, algo com sentido real e significativo para aquele que aprende.

Assim compreendemos que são inúmeras as tarefas das instituições formadoras, e que também são inúmeras as ações dos professores universitários e que maior ainda é o compromisso dos futuros educadores, pois, todos estes trabalham para um mesmo fim,

preparar o aluno para a vida em sociedade e por meio dessa preparação formar indivíduos capazes de transformar e colaborar com esta sociedade pelo viés do trabalho, sendo que a preparação para a vida e para o trabalho devem ser consideradas inseparáveis, grande é a responsabilidade do professor que tem que dar conta de todas essas demandas e ainda saber lidar com uma sociedade impregnada de conceitos destorcidos de que o professor é o detentor de uma gama de conhecimentos relacionados à disciplina que ministra, e que o professor deve responder todas as perguntas, deve saber todos os temas que lhe é indagado e ainda que o bom professor é aquele conteudista e o bom é aquele que aplica prova “de lascar”, essa ideia de que professor tem que render, produzir e encher o quadro é que torna as verdadeiras aprendizagens muitas vezes em um vazio, é preciso desfazer este paradigma de que o aluno precisa ir para casa com o caderno cheio, quando muitas vezes este vai com a mente vazia, conteúdos, informações estão por todos os lugares acessíveis a qualquer tempo e lugar, o desafio atualmente é ser um educador que desperte no aluno a vontade e a curiosidade de aprender, essa é a principal tarefa do professor, perguntar para o aluno, não trazer perguntas e respostas prontas, essas perdem o sentido quando não há curiosidade e interesse da parte daquele que quer aprender, o tempo em que vivemos requer cautela, diálogo, sensibilidade, reflexão-ação, respeito mútuo, e principalmente é preciso de educadores com olhares sensíveis as configurações da sociedade atual, para que o objetivo da educação não se perca, objetivo esse que é a formação ampla do educando e deve ser pensada durante a construção dos currículos, visto que, estes norteiam e são orientadores de toda prática educativa realizada em sala de aula, ficando claro a necessidade de as disciplinas estarem entrelaçadas com as demandas sociais, com a realidade e tempo do aluno, sabendo que a educação não é algo separado da realidade mas algo que se complementa e ajuda na transformação da mesma e complementando com a fala do autor “[...] sobre o currículo, que nos permitam avançar na compreensão do processo curricular e das relações entre o conhecimento escolar, a sociedade, a cultura, a auto formação individual e o momento histórico em que estamos situados (MOREIRA, 2009, p. 5)”. Concordamos que surge então a primeira questão que norteia o processo educativo, O que ensinar?

A outra etapa a ser repensada é a metodologia, de que maneira o professor pode “atingir” o aluno, de forma que este se interesse pelas disciplinas e construa efetivamente as aprendizagens, cabe aqui então às universidades mostrarem aos futuros professores que a tarefa de um educador exige uma constante preparação e vontade de fazer diferente, comodismo é uma palavra que não pode existir no dicionário de um bom educador, este sim,

deve buscar todos os recursos disponíveis para despertar no aluno a curiosidade e a alegria em aprender e ensinar que se refere ALVES(p.15 1994)

Vai aqui este pedido aos professores, pedido de alguém que sofre ao ver o rosto aflito das crianças, dos adolescentes: lembrem-se de que vocês são pastores da alegria, e que a sua responsabilidade primeira é definida por um rosto que lhes faz um pedido: “Por favor, me ajude a ser feliz”.

Como um professor pode ajudar o aluno ser feliz? Ensinando com amor aquilo que ele precisa saber, por meio de uma metodologia que permite ao educador ser criativo e convidar o aluno para as diferentes situações preparadas para que a aprendizagem aconteça, e diante da vasta possibilidade que a contemporaneidade oferece não é difícil o professor fazer a diferença, precisa querer, precisa gostar, precisa doar-se e ver o “mundo” de instrumentos que podem ser utilizados para otimizar e alcançar os saberes pretendidos, pensamos na tecnologia, e como essa pode contribuir no trabalho do professor e pensamos nos recursos tecnológicos e o quanto esses tornam o trabalho do professor mais fácil, se este encarar as TICs como aliadas, se nos remetermos aos tempos mais antigos e nos perguntarmos qual professor há 25 anos atrás tinha ajuda da internet? e dos livros online; do Ensino Superior à Distância; das redes sociais, quantos avanços disponíveis para todos, ou para uma boa maioria, mas em contrapartida poucos professores inovam suas práticas educativas, se pensarmos com mais profundidade veremos que a escola é a instituição mais clássica e conservadora, alunos enfileirados, professor detentor do saber, pedagogia tradicional, “livro amarelado”, autoritarismo, hierarquia e outras diversas metodologias usada há séculos, para que essa visão distorcida do processo educativo cesse, é mais do que necessário, é urgente uma mudança de paradigma, e essa mudança só será possível se no momento de formação do professor, este compreender que deve haver uma maneira diferente de educar, que busque a participação ativa do aluno, da família e da escola, refletindo sobre temas pertinentes na sociedade atual, discutindo assuntos relevantes para a realidade e momento social do aluno, de modo que, este faça uso das aprendizagens no seu dia-dia e que essas aprendizagens sejam construídas pelo mesmo, visto que o educando precisa que a educação transforme sua realidade, cabendo então o professor compreender e ter a sensibilidade de saber Como ensinar? Diante da proposta de uma educação humanizada, onde o aluno é visto como ele realmente é, um ser humano que tem sentimentos, curiosidades, medos, conhecimentos, dúvidas e que este deve ser preparado para o mundo, para a vida em sociedade e paralelamente para o trabalho.

Diante desse contexto entendemos que na formação do educador é necessário levá-lo a compreensão as diferentes formas de avaliação, sendo que dentre as diversas formas de avaliar sejam escolhidas aquelas que ajudarão na construção do conhecimento, de modo que esta avaliação não sejam excludente, competitiva e quantitativa (como tem acontecido na maioria das escolas), fora do real sentido que tem a mesma, pois conforme Luckesi (1995) salienta, a avaliação no ensino superior ainda é compreendida como:

[...] aplicação de provas e exames buscando a classificação do aluno para a sua aprovação e/ou reprovação, numa prática seletiva, que em muito se afasta do seu real significado, pois a avaliação tem por base acolher uma situação, para então só então, ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança, se necessário (1995, p. 172).

E isso não acontece só no ensino superior, isso é uma sequência de um método avaliativo utilizado em todas as etapas de ensino, que se repete também no ensino superior, sendo que é preciso que a avaliação seja repensada, sendo necessário ultrapassar o sentido tradicional de ensino como mera transmissão, para avançar rumo a uma nova educação dialógica; Educação esta que permite o professor avaliar o aluno e auto avaliar-se, visto que o sucesso do aluno depende do bom trabalho do professor, cabendo a esse professor, aceitar as diferenças que encontra em sala, e realizar uma avaliação processual percebendo o erro como algo que faz parte do processo ensino-aprendizagem, desafiando sempre o aluno a descobrir o conhecimento, e nesta perspectiva de uma avaliação mediadora, concordamos com Hoffmann (2001 p. 78) quando diz que:

[...] processo de permanente troca de mensagens e de significados, um processo interativo, dialógico, espaço de encontro e de confronto de ideias entre educador e educando, em busca de patamares qualitativamente superiores de saber.

Este espaço de encontro e confronto de ideias que o autor se refere é um espaço democrático, aberto aos diferentes grupos, que contempla os saberes que cada indivíduo trás consigo, mas para que haja uma socialização de saberes e acréscimo nos conhecimentos das diferentes culturas e configurações sociais, entendo que as UNIVERSIDADES são espaços de diálogo, de conversas e de trocas entre pessoas, e o professor tem que saber interpretar estes saberes e tirar proveito para trabalhar na ascensão em todos os aspectos do aluno a partir do que ele é e do que ele sabe.

Neste momento percebemos outra questão importante que deve nortear o trabalho do educador, A quem ensinar?, TARDIF(2014) aponta a relação entre educador e educando:

[...]Os professores não buscam somente realizar objetivos; Eles atuam, também, sobre um objeto. Objeto do trabalho dos professores são seres humanos individualizados socializados ao mesmo tempo. As relações que eles estabelecem com seu objeto de trabalho são, portanto, relações humanas, relações individuais e sociais ao mesmo tempo. Que características internas o objeto humano introduz no processo de trabalho docente e quais os seus impactos sobre a pedagogia?

Enquanto educador devemos entender que nosso OBJETO de trabalho é um ser humano e este não deve ser visto como um objeto vazio, que o professor chega “descarrega sua bagagem”, vira as costas e vai embora, sem se dar conta de que este indivíduo tem saberes prévios, os quais devem ser considerados, tem problemas sociais, tem dúvidas e contribuições também, e que tem diversas outras influências que devem ser consideradas, “para que toda aquela bagagem descarregada” surta efeitos na vida do mesmo, é simples se considerarmos o nosso aluno como alguém a construir uma relação social e não considerá-lo como alguém que nada ou pouco sabe, a ideia de que os educadores devem “carregar” o aluno com seu conhecimento, como alguém que transfere uma “carga”, essa concepção já foi faz tempo, na contemporaneidade o discurso e a ação são outros(ou pelo menos devem ser outro), portanto, o educador tem que ver o aluno como alguém que tem muito a contribuir com o processo ensino aprendizagem, como alguém que vem para soma nas relações interpessoais, visto que o aluno é um ser ativo na sociedade e que junto com o professor constrói seus saberes por meio de trocas sociais.

2 Resultados

O que queremos propor é que os educadores e as instituições formadoras, sejam mais críticos sobre o real papel do professor, que o sistema de ensino fomente uma educação humanizadora, que os professores sejam auto críticos sobre seu trabalho, que as políticas educacionais sejam efetivadas para o bem comum, pois com a ajuda e colaboração de todos poderemos mudar este cenário atual da educação, que demonstra alto índice de evasão e reprovação escolar.

A formação docente é um processo que acontece ao longo do tempo e no exercer da profissão, mas começa na universidade a construção do que é ser educador e diante disso entendemos que a melhora da educação na atualidade só será possível se houver melhora no processo de formação docente, valorização da categoria, melhoras salariais, diminuição das

desigualdades sociais, mudanças nas políticas educacionais e sociais, isto é, depende de uma rede, de uma organização que abrange várias esferas, mas que depende de cada um, a começar pelos professores que devem estar cientes de suas responsabilidades sociais, ciente do seu papel de formador de opiniões e de sua participação política, sabedor das disciplinas por ele ministradas, articulador da prática à teoria, praticante da interdisciplinaridade e contextualização dos saberes, amigo das tecnologias e disposto a aprender de maneira continuada, claramente que todo esse processo não se dá apenas durante a formação, mas começa sim na formação, à construção de um educador consciente de todas essas responsabilidades e com o passar do tempo o mesmo vai se constituindo educador segundo Nóvoa "É no espaço concreto de cada escola, em torno de problemas reais, que se desenvolve a verdadeira formação".

Considerações finais

Refletir sobre a formação de professores nos remete a pensar na maneira como esse processo vem acontecendo ultimamente, sendo que este assunto tem sido muito discutido e poucas são as ações diante das variadas propostas de mudanças, uma vez que tudo que se refere à educação infelizmente é demorado, leva tempo, visto que é um processo de desacomodação, gera conflitos e resistências dos mais tradicionais, acaba que estas mudanças demoram para acontecer e algumas caem no esquecimento, o que torna cada vez mais precário e demagógico o sistema de ensino, o que temos que fazer com urgência é ser o educador que desejamos para o futuro ou para nossos filhos e netos, sair da teoria e praticar as ações condizentes com nossas ideias, ser um educador humano, responsável social e politicamente, oferecer ao aluno uma educação de qualidade que realmente interesse e estimule a curiosidade, desempenhar o papel de pesquisador e aperfeiçoar-se sempre, mudar o modo de avaliar e de ver o aluno, utilizar de metodologias que convidam o aluno, a família e a comunidade escolar à participação dos saberes, desenvolver um trabalho interdisciplinar e contextualizado, em outras palavras, nós enquanto educadores, não podemos somente propor ações, nós devemos ser as ações propostas para a melhoria da educação na contemporaneidade, sendo que essa melhoria não se dá somente na universidade, mas também na efetivação da profissão de professor.

Não podemos somente esperar que as mudanças nos sejam propostas das esferas superiores enquanto podemos nós fazê-las, não podemos cobrar dos outros o que não somos

capazes de cumprir, não podemos culpar o outro daquilo que é de nossa responsabilidade também.

Quando todos “vestirem a camiseta” da educação, levar a sério o processo de ensino aprendizagem, comprometer-se com as aprendizagens do outro, comprometer-se com a sociedade, quem sabe assim poderemos vislumbrar uma educação verdadeiramente feita para seres humanos, onde seu contexto, sua organização social, seu tempo sejam levados em consideração no memento de suas aprendizagens.

Rever nossos conceitos sobre o processo de ensino aprendizagem é necessário, pois diante da organização social que temos hoje é impossível continuar repetindo os mesmos métodos educacionais, é preciso reformular os processos educativos.

Dentro deste contexto concluímos que a formação de professores precisa ser revista e adaptada à realidade contemporânea, a fim de construirmos uma sociedade mais justa onde e formar profissionais da educação preparados para dar conta das necessidades que essa sociedade atual requer.

Referências

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3. ed. São Paulo: Ars Poética, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, 2011.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação**: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? **Pátio**, Porto Alegre, n. 12, p. 6-11, fev./abr. 2000.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Apresentação: Currículo: conhecimento e cultura. In: **Salto para o Futuro** – currículo: conhecimento e cultura. Brasília, Ano 19, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/171510Curriculo.pdf>>. Acesso em: abr. 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. ed.digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.